



História Oral e Educação Matemática: práticas de pesquisas

Ivete Maria Baraldi¹

Diogo Franco Rios²

RESUMO

A História Oral vem sendo cada vez mais frequente nas pesquisas em Educação Matemática, agregando pesquisadores de vários grupos e estados brasileiros em torno dessa perspectiva teórico-metodológica. Em 2016 foi constituído um Simpósio Temático “História Oral e Educação Matemática”, realizado já em duas edições do Encontro Nacional de História Oral, da Associação Brasileira de História Oral (ABHO). A partir dessas reuniões científicas decidimos pela produção de um dossiê trazendo alguns trabalhos que foram apresentados, após um aprofundamento posterior aos debates lá realizados ou a partir da articulação entre participantes. Há um texto que traz uma discussão sobre o próprio ST e os textos lá apresentados, de maneira mais ampla, além de apresentarmos outros sete artigos que associam pesquisas em Educação Matemática à História Oral: em exercícios historiográficos; em análises contemporâneas em Educação; em práticas voltadas à formação de professores de matemática; e em exercícios de reflexão teórico-metodológica.

PALAVRAS-CHAVE: História da Educação Matemática, Narrativas, Formação de Professores, Metodologia de Pesquisa.

ABSTRACT

Oral History has been increasingly frequent in research in Mathematical Education, bringing together researchers from various Brazilian groups and states around this theoretical-methodological perspective. In 2016, a Thematic Symposium on “Oral History and Mathematical Education” was held, already held in two editions of the National Meeting of Oral History, of the Brazilian Association of Oral History (ABHO). From these scientific meetings we decided to produce a dossier bringing some works that were presented, after further deepening the debates held there or from the articulation between participants. There is a text that brings a discussion about the TS itself and the texts presented there, more broadly, and we present seven other articles that associate research in Mathematical Education with Oral History: in historiographical exercises; in contemporary analyzes in Education; in practices aimed at the formation of mathematics teachers; and in exercises of theoretical and methodological reflection.

KEYWORDS: History of Mathematical Education, Narratives, Teacher Education, Research Methodology.

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Mestre e Doutora em Educação Matemática. Docente dos Programas de Pós-Graduação em Educação Matemática (UNESP – Rio Claro) e Educação para a Ciência (UNESP – Bauru). Contato: ivete.baraldi@unesp.br

² Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Licenciado em Matemática, Mestre e Doutor em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UFBA/UEFS). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEMAT/UFPEL). Contato: riosdf@hotmail.com

Apresentando um dossiê

Em Educação Matemática, geralmente, os pesquisadores utilizam-se das metodologias de abordagem qualitativa para compor o cenário de seu trabalho investigativo e muitas delas têm como suporte a oralidade. Por meio de entrevistas, a oralidade gera narrativas que possibilitam a elaboração de compreensões e atribuição de significados aos diferentes aspectos do objeto que focamos, numa operação historiográfica ou não. (GARNICA, 2010).

No início dos anos 2000, a mobilização da História Oral como uma dessas metodologias, como apontado, pouco era efetivada em Educação Matemática e ela surgiu como uma possibilidade de organizar a busca de traços dos cenários históricos relacionados à formação e às práticas dos docentes, bem como para a compreensão de fatores e de significados das tramas constitutivas das práticas atuais, objetivos característicos das pesquisas situadas na tendência que ainda se configurava como “História da Educação Matemática”.

Quase duas décadas se passaram e muitas outras pesquisas foram desenvolvidas mobilizando a História Oral no âmbito da Educação Matemática e, em específico, na consolidada área de investigação que é a História da Educação Matemática. No entanto, não podemos deixar de enfatizar que nem todos os trabalhos que mobilizam a História Oral se inserem na seara da História da Educação Matemática, como também nem todos a mobilizam para investigar nessa última. Ainda, Garnica (2015) nos alerta que a História Oral é um dos modos possíveis de registrar narrativas, como também

Equívocam-se, ainda, aqueles que vinculam a História Oral apenas à elaboração de narrativas que visam a uma operação historiográfica. A História Oral é um conjunto de procedimentos e princípios do qual resultam narrativas que, obviamente, são fontes historiográficas por potencialmente dizerem – para o presente e para um futuro – de uma situação na qual se encontram narrador e memorialista. Constituir e disponibilizar fontes historiográficas, porém, não significa mobilizar, efetivamente, em sequência, tais fontes com a intenção de criar “narrativas historiográficas” em sentido estrito. (GARNICA, 2015, p. 184)

Cientes dessas possibilidades apontadas acima, imersos em pesquisas, seja como autores ou como orientadores, os autores desse artigo, mobilizando a História Oral para desenvolver narrativas historiográficas ou não, se depararam com a possibilidade de trabalharem juntos questões acerca dessa metodologia em Educação Matemática.

Sendo assim, a construção da proposta desse dossiê, História Oral e Educação Matemática, se justifica e se mostra com um resultado de alguns diálogos que têm sido

realizados entre pesquisadores de diversos grupos e estados brasileiros, desde 2016, quando decidimos constituir um Simpósio Temático (ST) específico para a Educação Matemática no XIII Encontro Nacional de História Oral, que aconteceu em Porto Alegre, em maio daquele ano. Trata-se de um importante evento brasileiro organizado pela Associação Brasileira de História Oral (ABHO) e que agrega pesquisadores cujas práticas de pesquisas vinculam-se à História Oral.

Na edição daquele ano, o evento teve por tema a “História Oral, Práticas Educacionais e Interdisciplinaridade”, o que nos pareceu, inclusive, muito identificado ao modo como boa parte de nós, educadores matemáticos, estabelecemos vínculo com a História Oral em nossas práticas de pesquisa.

Fizemos uma chamada para os colegas da área que têm trabalhado com a metodologia, propondo que seria uma interessante ocasião para interlocução sobre nossos trabalhos, para realizarmos aproximações com pesquisadores de outras áreas e, até, para dar visibilidade ao entrelaçamento, não tão recente, entre a pesquisa em Educação Matemática e a História Oral.

Como resultado, tivemos 28 trabalhos aprovados que trouxeram não apenas abordagens de cunho historiográfico, mas também pedagógico da História Oral, evidenciando a multiplicidade de usos que tem sido própria no campo da Educação Matemática e que dialogava bem com o objetivo pretendido pela ABHO e divulgado no site do evento: “reunir elevado número de participantes, provenientes das diferentes disciplinas nas quais se pratica a História Oral, bem como ligados a diferentes campos de atuação (escolas, centros de memória, academia, museus e arquivos etc)”. As discussões e as interações foram muito produtivas, pois procedimentos, embasamentos teóricos, constituições de pesquisas foram constantemente tensionados, possibilitando que surgissem perspectivas de reformulações e debates no interior dos grupos de pesquisa dos quais os participantes eram oriundos. Importante destacar que os participantes extrapolaram nosso círculo de convites, como dito anteriormente.

No evento, como um todo, nós, educadores matemáticos, pudemos nos aproximar de temas abordados por outras áreas que também se utilizam da História Oral, como metodologia de pesquisa ou como ferramenta para o trabalho docente. Discussões sobre procedimentos em entrevistas, o tratamento de outras fontes que não as orais, a utilização de arquivos, a produção de registros orais interativos, a abordagem sobre temas espinhosos em sala de aula, compuseram

uma ciranda de ideias bastante profícua e inspiradora para ser debatida e aprofundada em futuras pesquisas no âmbito da Educação Matemática.

Levando em conta o próprio evento e o que afirma Larrosa (2014) sobre a experiência ser

[...] algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço. E ressoa em outras experiências e em outros tremores e em outros cantos (LARROSA, 2014, p.10),

saímos daquele primeiro ST comprometidos em propor novamente o simpósio na edição seguinte do Encontro Nacional de História Oral.

No XIV ENHO, cujo tema foi “História Oral e a expansão do registro audiovisual”, ocorrido na Unicamp em 2018, foi possível mais uma vez a realização de trocas entre nós e uma nova incursão na História Oral como campo multidisciplinar. Particularmente, o tema daquele ano apresentava questões emergentes e muito importantes para todos nós: como praticar História Oral explorando, da melhor forma possível, a expansão tecnológica em diálogo com tensões pertinentes ao debate sobre ética em pesquisa com seres humanos, tão em voga no país. Contamos com a apresentação de 18 trabalhos.

Da segunda edição do simpósio saímos comprometidos a apresentar aos educadores matemáticos brasileiros um resultado dessas trocas e do amadurecimento de alguns dos trabalhos lá apresentados. Podemos dizer que o dossiê está conectado com aquele primeiro chamamento do XIII ENHO, a História Oral em suas relações estabelecidas com práticas educacionais e multidisciplinares.

Assim, este dossiê é composto por oito artigos, sete dos quais poderiam ser classificados em quatro categorias associadas à História Oral: em exercícios historiográficos; em análises contemporâneas em Educação; em práticas voltadas à formação de professores de matemática e, por fim, em exercícios de reflexão teórico-metodológica. É preciso dizer que tal categorização não circunscreve os artigos quanto à abordagem que apresentam, de modo que alguns deles poderiam ser considerados em mais de uma delas. Tal classificação se presta a demonstrar o quanto esse dossiê e as edições do ST expressam uma multiplicidade de mobilizações que a Educação Matemática tem feito da História Oral.

Da primeira categoria, digamos, trata-se de uma prática mais tradicional com a História Oral, a produção de análises historiográficas. Como exemplo disso, contamos com os artigos, *História Oral para a produção de narrativas sobre uma proposta educacional pública paulista nos anos de 1960, Uma História da Formação de Professores (de Matemática) em Cuiabá e Barra do Garças – MT* e *Histórias de Vida e Formação de Professores que Ensinam Matemática: aspectos da formação em nível de Magistério no interior de São Paulo* que, cada um a seu modo, se ocupam de analisar experiências educacionais do século XX, tendo as fontes orais como disparadoras da operação historiográfica, cotejadas com outras fontes.

No primeiro artigo, de Maria Eliza Furquim Pereira Nakamura, a autora apresenta uma síntese de suas duas comunicações nos eventos, trazendo um panorama geral do que era o foco de seu estudo, os Ginásios Vocacionais, projeto alternativo que introduziu mudanças no cenário educacional paulista, na década de 1960 (NAKAMURA, 2017). Além disso, discute os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa que deu origem a essa experiência de escrita, a História Oral.

O texto de Bruna Camila Both, Eliete Grasiela Both e Ivete Maria Baraldi é resultante de três trabalhos apresentados nas duas edições do evento. As comunicações anteriormente apresentadas basearam-se nas pesquisas de Both (2014), Both e Both (2016) e no doutorado em desenvolvimento da segunda autora. Articulam esses trabalhos com a intenção de mostrar as histórias da formação de professores (de Matemática) em Cuiabá e em Barra do Garças, no estado de Mato Grosso, marcadas pelo signo da carência, no período que antecede e inicia a formação em nível superior para docentes, nestes locais, por meio da presença relevante da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Esboçaram os pressupostos teórico-metodológicos para a constituição de fontes históricas por meio de entrevistas e, posteriormente, para o cotejamento destas com fontes escritas para a composição das histórias, ao mobilizarem a História Oral como metodologia de pesquisa.

Já no último artigo da categoria, Marinéia dos Santos Silva e Heloisa da Silva trazem alguns resultados de uma pesquisa de mestrado sobre os cursos de formação de professores em nível secundário nas cercanias das décadas de 1980 e 1990, mais especificamente em diferentes cidades da região de São José do Rio Preto/SP, oportunamente apresentados nas edições realizadas do simpósio. (SILVA, 2015). Considerando a História Oral como uma metodologia de pesquisa potente para estudos em Educação Matemática, por meio de 11 narrativas, puderam podemos entender os modos pelos quais seus depoentes (professores, alunos e coordenadores

que se formaram em cursos de magistério em nível secundário) atribuíam significados às suas histórias de vida e dão sentido à formação de professores e às suas práticas

A segunda categoria, também já bastante consolidada da área, representada por um artigo que mobiliza a História Oral para analisar um importante tema contemporâneo em Educação, a Educação Matemática de surdos. No artigo *O que dizem os Tradutores Intérpretes de Libras sobre a relação com os professores de Matemática* os autores, Nádia dos Santos Gonçalves de Porto e Diogo Franco Rios, discutem o ensino de matemática a partir da perspectiva de Tradutores Intérpretes de Libras – TILS que atuam no ensino superior. Apresentado anteriormente foi ampliado a partir da finalização da pesquisa de Porto (2019). Trata-se de um trabalho resultante do esforço de produzir análises sobre a Educação Matemática, a partir da História Oral, que tem sido realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, na Universidade Federal de Pelotas. Neste texto, os autores apontam que as narrativas dos TILS oferecerem à área perspectivas ainda não contempladas pelos educadores matemáticos, em função do lugar que ocupam no processo pedagógico de alunos surdos.

A terceira categoria demonstra um exercício, um tanto mais recente na área, que é o uso de práticas de História Oral como fonte de questões para a formação de professores de matemática, aqui expresso pelo texto: *Leituras de Histórias de Vida de Professores de Matemática no Pibid*, em que as autoras, Mirian Maria Andrade e Línlya Sachs, apresentam uma interessante discussão oriunda de uma experiência de formação de professores de matemática ligada ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, em um curso de Licenciatura em Matemática no interior do Paraná. Inspiradas na pesquisa de Rolkouski (2006), desenvolveram atividades no espaço de formação do PIBID para apresentarem respostas à pergunta “como se torna o professor de matemática que é?”. Em um exercício de História Oral, os professores em formação além de escreverem suas histórias de vida entrevistaram seus professores supervisores do projeto, realizando os procedimentos necessários para a constituição de fontes orais

A quarta categoria traz dois artigos que discutem o fazer História Oral enquanto metodologia de pesquisa: *Quem conduz a narração é o ouvido: mobilizações da História Oral na Educação Matemática e Produção de Narrativas e o Trabalho com História Oral*. Esses

artigos trazem interessantes problematizações sobre o próprio uso da História Oral por educadores matemáticos.

No primeiro deles, de Maria Ednéia Martins-Salandim e de Karina da Silva, as autoras elaboraram o texto a partir de suas discussões e de suas práticas de pesquisa com a História Oral e a partir de duas publicações e debates no Seminário Temático de História Oral e Educação Matemática dentro do XIII e XIV Encontro Nacional de História Oral que ocorreram em 2016 e em 2018, respectivamente, que foram, baseadas nos trabalhos de Martins (2003, 2007, 2012) de Silva (2019) – que ainda estava em elaboração. Evidenciam a importância do ouvir desde a escolha dos entrevistados até a análise das e a partir das narrativas resultantes das entrevistas. Trazem também reflexões sobre sensibilizações na pesquisa e atenção à uma metodologia de pesquisa potencializando a temática e questão da investigação.

No outro artigo, de Endrika Leal Soares, Vivian Nantes Muniz Franco e Luzia Aparecida de Souza, as autoras discutem distintos exercícios de pesquisa que mobilizam a História Oral como metodologia, tais como as pesquisas de Franco (2019) e de Soares (2019). Em uma delas, foram produzidas entrevistas com adultos analfabetos, visando inicialmente compreender estratégias matemáticas cotidianas e, no outro, estabeleceu-se uma interlocução com crianças, de 4 e 5 anos, que frequentam a Educação Infantil, buscando olhar para noções sobre escola e matemática por elas constituídas. Fazem uma reflexão desassossegada, mostrando que operar com a História Oral como metodologia demanda um movimentar-se convidativo para o autoconhecimento.

Por fim, um texto que possui uma peculiaridade: uma discussão sobre as edições do ST “História Oral e Educação Matemática” e dos textos lá apresentados. Uma importante contribuição feita para o dossiê e em defesa da própria iniciativa de diálogo das práticas de História Oral feitas por educadores matemáticos com pesquisadores de outras áreas. O artigo *Uma leitura: os estudos do Simpósio Temático “História Oral e Educação Matemática” do Encontro Nacional de História Oral* explicita o papel de interlocutor de Antonio Vicente Marafioti Garnica na constituição do ST. Desde a provocação inicial feita por nós, ele tem sido um forte apoiador da proposta, com quem trocamos algumas ideias a respeito e contamos com várias de suas provocações.

Com Larrosa (2014) novamente, desejamos que esses artigos aqui apresentados nos comovam, nos proporcionando interessantes experiências.

Referências

- BOTH, B. C. **Sobre a formação de professores de matemática em Cuiabá – MT (1960-1980)**. 2014. 402f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014.
- BOTH, E. G.; BOTH, B. C. Um Olhar sobre a formação de professores de Matemática na região do Médio Araguaia mato-grossense. In: Encontro Nacional de Educação Matemática, XII ENEM, São Paulo, 2016. **Anais...** São Paulo – SP, 2016.
- FRANCO, V. N. M. **Entre infâncias, narrativas e delírios: fora da escola, fora da matemática, fora do risco...** 2019. 188 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2019.
- GARNICA, A. V. M. Registrar oralidades, analisar narrativas: sobre pressupostos da História Oral em Educação Matemática. **Ciências Humanas e Sociais em Revista**, v. 32, p. 20-35, 2010.
- GARNICA, A. V. M. O pulo do sapo: narrativas, História Oral, insubordinação e Educação Matemática. In: D'AMBROSIO, B. S.; LOPES, C. E. (orgs.) **Vertentes da subversão na produção científica em educação matemática**. Campinas, SP : Mercado de Letras, 2015
- LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- MARTINS-SALANDIM, M. E. **A interiorização dos cursos de Matemática no Estado de São Paulo: um exame da década de 1960**. 387. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.
- MARTINS-SALANDIM, M. E. **Escolas Técnicas Agrícolas e Educação Matemática: história, práticas e Marginalidade**. 2007. 265f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.
- MARTINS, M. E. **Resgate histórico da formação e atuação de professores de escolas rurais da região de Bauru (SP)**. 2003. 260 f. Relatório (Iniciação Científica). Fapesp/Departamento de Matemática, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2003.
- NAKAMURA, M. E. F. P. **Ginásios Vocacionais: estudo narrativo sobre uma proposta educacional da década de 1960**. 2017. 627 p. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2017.
- PORTO, N. S. G. **O que dizem os Tradutores Intérpretes de Libras sobre atuar em disciplinas de Matemática no Ensino Superior**. 2019. 192f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Física e Matemática, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

ROLKOUSKI, E. **Vida de professores de matemática** – (im)possibilidades de leitura. 2006. 288 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2006.

SILVA, K. A. da. **Primeiros Cursos para Formação de Professores Indígenas no estado de São Paulo**: um estudo em História da Educação Matemática. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru, 2019.

SILVA, M. S. **Sobre a Formação de Professores das Séries Iniciais na região de São José do Rio Preto/SP na ocasião dos Centros Específicos de Formação e Aperfeiçoamento para o Magistério (CEFAM)**. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista – UNESP, Rio Claro, 2015.

SOARES, E. L. **Educação (,) matemática e outras banalidades fundamentais da vida**: diálogos a partir dos analfabetismos nossos de cada dia. 2019. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2019.

Submetido em Junho de 2019

Aprovado em Setembro de 2019